

ANEXO C

QUALIDADE DOS DADOS: ERROS NÃO AMOSTRAIS

Este anexo apresenta uma série de tabelas que permitem avaliar os dados coletados na **PNDS 1996** e a existência de erros não-amostrais, como, por exemplo, preferência de dígitos, arredondamento para certas idades ou datas, esquecimento de eventos passados, eventual distorção deliberada da informação por parte dos entrevistadores na intenção de diminuir a carga de trabalho, falta de cooperação de parte dos entrevistados para responder, recusa das mães a pesar/medir seus filhos etc. Assim, com base nestes elementos, o presente anexo constitui uma breve primeira aproximação à qualidade dos dados.

C.1 A declaração por idade e sexo

A distribuição em anos simples de idade na população de fato dos domicílios da Tabela C.1 mostra não ter havido distorções significativas nas declaração da idade. Uma avaliação quantitativa desta declaração, mediante a aplicação do índice de Myers aos dados, demonstra que o dado foi relativamente bem coletado¹. O índice - cujos valores costumam oscilar entre 60-80 ou mais, para países em que a atração/rejeição por certos dígitos é muito marcada - foi inferior a 5 para o total da população, sem grande diferenciação por sexo. Embora este valor seja altamente indicativo da inexistência de grandes distorções, vale a pena salientar a presença de uma relativa maior rejeição pelas idades terminadas em 1 e 9, que se compensa nas idades terminadas em 0, 5, 2 e 8. Este fato obedeceria à reconhecida tendência das pessoas ao arredondamento da idade.

A razão de sexos (RS), considerada unicamente para grupos quinquenais de idade, a fim de minimizar os erros amostrais, apresenta distorções relativamente importantes. Chama a atenção, principalmente, a baixa razão de sexos que se obtém no grupo etário 0-4 (102.0), o que poderia indicar um sub-registro de crianças de sexo masculino. As oscilações no resto da população podem ter sido originadas pela prática de exclusão de mulheres elegíveis para serem entrevistadas, tal com se verá mais adiante. Em geral, porém, a razão de sexos segue a tendência que se espera numa população como a brasileira, pouco exposta a intensos movimentos migratórios internacionais; isto pode se constatar ao calcular médias móveis, que aparecem no Gráfico C.1, de maneira a obter dados suavizados ou ajustados: a razão de sexos coloca-se ligeiramente acima de 100 nas primeiras idades, tendendo a diminuir à medida que a população envelhece. Note-se, adicionalmente, que a razão de sexos diminui muito violentamente entre as idades 20 e 35 anos. Situação similar já foi constatada no Censo de 1991 e uma análise mais aprofundada poderá revelar se os dados estão registrando a saída de população masculina para fora do país, como foi adiantado por Carvalho²; trata-se de um aumento da sobremortalidade masculina, como sugere o dado sobre mortalidade adulta da **PNDS 1996**; ou se finalmente, teria havido um sobre-registro de mulheres nessas idades. A última hipótese seria menos provável, pois o sobre-registro implicaria maior carga de entrevistas, fato que, em geral, é oposto à tendência dos entrevistadores em diminuir o trabalho de campo.

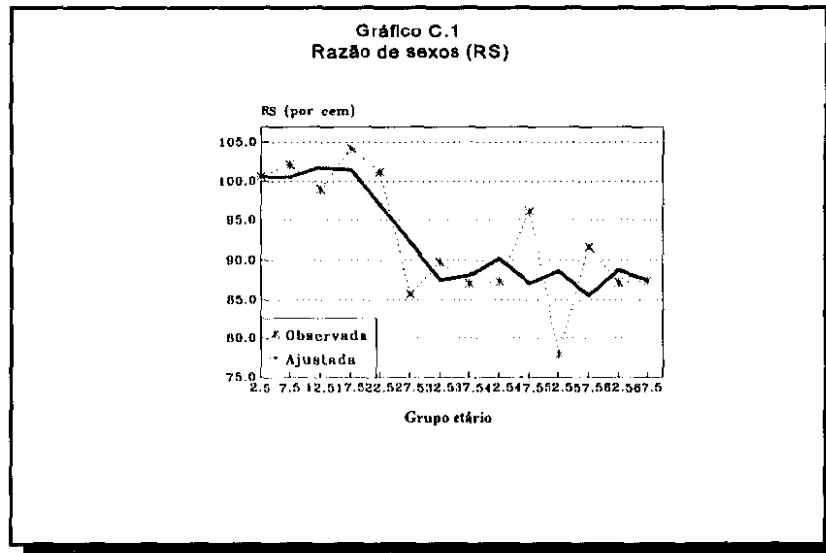
¹ Ver uma ilustração do uso deste índice em: NACIONES UNIDAS, (1955): *Métodos para Evaluar la Calidad de los Datos Básicos Destinados a los Cálculos de la Población*. Manual II, ST/SOA/Serie A/ N. 23 - Nova York.

² Ver: Carvalho, J.A.M. de, O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80 - uma tentativa de estimação. In: *Revista brasileira de Estudos de População*. 13(1):3-15

Tabela C.1 Distribuição etária da população dos domicílios

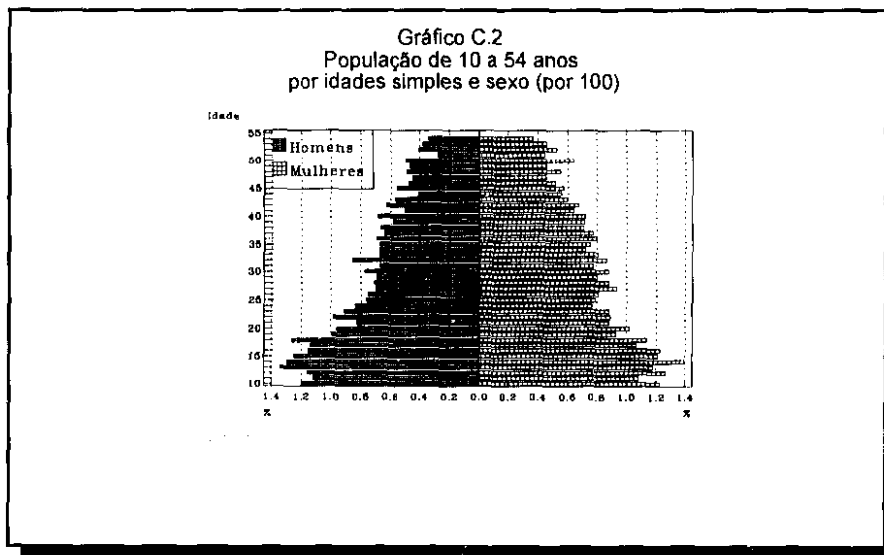
Distribuição (ponderada) por idades simples da população de fato dos domicílios, por sexo. Brasil, PNDS 1996.

Idade	Homens		Mulheres		Idade	Homens		Mulheres	
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem		Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
0	473	1.8	539	2.0	37	333	1.3	400	1.5
1	523	2.0	493	1.8	38	344	1.3	367	1.3
2	505	1.9	486	1.8	39	302	1.2	370	1.3
3	524	2.0	507	1.8	40	353	1.4	374	1.4
4	517	2.0	501	1.8	41	257	1.0	331	1.2
5	562	2.2	525	1.9	42	324	1.2	348	1.3
6	556	2.1	574	2.1	43	293	1.1	310	1.1
7	611	2.4	628	2.3	44	213	0.8	286	1.0
8	596	2.3	580	2.1	45	286	1.1	293	1.1
9	638	2.5	593	2.2	46	247	1.0	266	1.0
10	618	2.4	632	2.3	47	232	0.9	233	0.8
11	575	2.2	560	2.0	48	252	1.0	283	1.0
12	594	2.3	653	2.4	49	242	0.9	234	0.9
13	690	2.7	610	2.2	50	255	1.0	330	1.2
14	669	2.6	722	2.6	51	144	0.6	230	0.8
15	644	2.5	627	2.3	52	210	0.8	271	1.0
16	596	2.3	632	2.3	53	196	0.8	237	0.9
17	588	2.3	551	2.0	54	175	0.7	189	0.7
18	654	2.5	585	2.1	55	173	0.7	234	0.9
19	513	2.0	479	1.7	56	213	0.8	184	0.7
20	495	1.9	527	1.9	57	149	0.6	179	0.7
21	427	1.6	456	1.7	58	168	0.6	179	0.7
22	508	2.0	462	1.7	59	145	0.6	149	0.5
23	469	1.8	457	1.7	60	180	0.7	217	0.8
24	430	1.7	398	1.4	61	100	0.4	128	0.5
25	394	1.5	408	1.5	62	150	0.6	144	0.5
26	387	1.5	418	1.5	63	122	0.5	152	0.6
27	362	1.4	483	1.8	64	110	0.4	118	0.4
28	366	1.4	455	1.7	65	169	0.6	184	0.7
29	359	1.4	415	1.5	66	120	0.5	141	0.5
30	399	1.5	456	1.7	67	91	0.4	122	0.4
31	346	1.3	401	1.5	68	103	0.4	103	0.4
32	441	1.7	448	1.6	69	67	0.3	79	0.3
33	347	1.3	419	1.5	70+	750	2.9	977	3.6
34	349	1.3	372	1.4	NS/				
35	350	1.3	389	1.4	Ignorado	37	0.1	26	0.1
36	359	1.4	412	1.5	Total	25,943	100.0	27,520	100.0



C.2 Distorções entre os limites da idade critério para elegibilidade

Entre as mulheres em idade reprodutiva, que é o grupo que forneceu a informação mais relevante para a pesquisa, não se registram distorções de importância (ver o Gráfico C.2).



Com relação a esse subgrupo, a informação sobre idade e sexo permite, também, avaliar a existência de algum viés quanto às mulheres elegíveis. Uma falha comum com relação a este fato refere-se à tendência de alguns entrevistadores em excluir mulheres cujas idades estão próximas aos limites fixados para a condição de elegibilidade, a fim de diminuir a carga do trabalho de campo. Como, no presente caso, as mulheres elegíveis situaram-se entre as idades de 15 a 49 anos, poderia esperar-se uma tendência de se excluir jovens ligeiramente acima de 15 anos e mulheres ligeiramente abaixo de 50 anos, fato que se constata na pirâmide do Gráfico C.2, ao se acusar maiores proporções para as idades 14 e 50 anos, comparativamente às idades limites 15 e 49 anos, respectivamente. Isto pode ser melhor avaliado através

de razões entre os grupos etários adjacentes que poderiam ter sido atingidos³, assim como através da razão de sexos, cujos valores são apresentados no quadro a seguir:

Indicador (por cem)	Grupo etário			
	10-14	15-19	45-49	50-54
Razões de idade	735	73.9	62.9	79.5
Razões de sexo	990	1042	962	780

No caso do limite inferior, as razões etárias para 10-14 e 15-19 apresentaram-se bastante similares, indicativo de ausência de deslocamento de mulheres na faixa de 15-19 anos para o grupo etário mais jovem. A razão de sexos, entretanto, sugere o contrário, pois este valor aumenta ao passar do grupo 10-14 para 15-19, quando se deveria esperar uma tendência de diminuição deste indicador ou, em caso extremo, uma estabilidade. Considerando que nessas idades dificilmente haveria emigração seletiva por sexo para fora do país, pode-se afirmar que teria havido, em alguma medida, jovens excluídas da amostra, deslocadas para o grupo etário 10-14.

No caso do limite superior, a razão etária para o grupo 45-49 anos mostrou-se 25% menor do que a correspondente ao grupo 50-54, sugerindo, igualmente, que teriam sido deslocadas, fora do limite, algumas mulheres ainda no período reprodutivo. Deve-se salientar, para efeitos comparativos, que o percentual citado, por um lado, é menor do que o encontrado na média das pesquisas DHS-I, que foi superior a 35% e, por outro, é similar ao de países latino-americanos da DHS-II⁴.

A razão de sexo evidencia uma imagem similar. A significativa queda da razão de sexo das idades 45-49 para 50-54, representando excesso de mulheres no último grupo etário, relativamente ao anterior, indicaria a exclusão de mulheres ainda na faixa etária de elegibilidade.

A Tabela C.2 permite visualizar melhor a existência de pequenos deslocamentos de mulheres em idade reprodutiva para fora dos limites do critério de elegibilidade.

³ Pesquisas similares à PNDS 1996 calculam razões para o grupo etário X, da forma:

$$\frac{X_i}{(X_{i-1} + X_{i+1})/2}$$

Onde X_i e X_{i+1} são os grupos etários adjacentes ao grupo etário X.

⁴ DHS (1996) *Accuracy of DHS-II in Demographic Data: Gains and Losses in Comparison with Earlier Surveys*. DHS Working Papers - Nº. 19.

Tabela C.2 Distribuição das mulheres elegíveis e entrevistadas por idade

Distribuição percentual da população de mulheres entrevistadas de 15-49 anos e porcentagem de mulheres elegíveis que foram entrevistadas (ponderada). Brasil, PNDS 1996.

Idade	Mulheres elegíveis		Mulheres entrevistadas		
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Porcentagem de mulheres elegíveis entrevistadas
10-14	3,177	NA	NA	NA	NA
15-19	2,874	20.0	2,407	19.7	83.8
20-24	2,300	16.0	1,859	15.2	80.9
25-29	2,178	15.2	1,875	15.3	86.1
30-34	2,096	14.6	1,844	15.1	88.0
25-39	1,938	13.5	1,684	13.8	86.9
40-44	1,651	11.5	1,424	11.6	86.2
45-49	1,309	9.1	1,135	9.3	86.7
50-54	1,256	NA	NA	NA	NA
15-49	14,345	NA	12,228	NA	85.2

Nota: A população de fato inclui todas as pessoas que dormiram no domicílio na noite anterior à entrevista (residentes e não-residentes).
NA = Não se aplica.

Esta tabela mostra, também, que a proporção de mulheres entrevistadas fica acima de 85% na maioria dos casos, principalmente depois da idade de 25 anos. Similar proporção foi encontrada na PNSMIPF de 1986. Nesse ano, 87% das mulheres da amostra dos domicílios responderam e/ou foram consideradas elegíveis. Em 1991, a proporção é de 85%.

Em suma, teria havido na PNDS 1996 uma pequena tendência de se deslocar algumas mulheres dos extremos do período reprodutivo, para fora dos limites do critério de elegibilidade. Este viés não afetará, de modo algum, o cálculo de taxas vitais, principalmente de reprodução. Neste caso, porque a fecundidade apresenta valores bastante baixos, mais ainda no grupo etário 45-49, onde se teriam registrado relativamente maiores deslocamentos que no caso de mulheres de 15-19 anos. Com relação a este fenômeno, deve-se lembrar o estudo de Rutstein e Bicego (1990)⁵, o qual demonstra que, mesmo nos mais extremos cenários de exclusão de mulheres por considerá-las, equivocadamente, não elegíveis, o efeito da sobre/subestimação no cálculo das taxas vitais nunca ultrapassa o intervalo 3-5%.

⁵ Rutstein, C. e Bicego G.T. (1990) Assessment of the Quality of Data Used to Ascertain Eligibility and Age in the Demographic and Health Surveys. In: *An Assessment of DHS-I Data Quality. DHS Methodological Reports Nº 1* - Columbia, Maryland: Institute for Resource Development/Macro Systems, Inc. - Citado em: DHS, 1996 Accuracy of DHS-II.

C.3 Grau de omissão das respostas em variáveis selecionadas

O grau de omissão com relação a importantes variáveis, como data de nascimento, idade ao morrer, idade à primeira união, educação dos entrevistados, estatura da criança ao nascer, antropometria e ocorrência de diarreia nas últimas duas semanas, pode ser visto na Tabela C.3.

A proporção de casos com informação ignorada, com exceção de dados antropométricos, é notavelmente baixa. Em nenhum caso, respostas sobre datas atingem 3%, o que outorga bastante confiabilidade aos dados. Mesmo no caso da antropometria, 15% das mães, por algum motivo, não tiveram seus filhos medidos e pesados, um percentual relativamente insuficiente para poder invalidar as análises em profundidade, a serem derivadas destes dados.

Tabela C.3 Omissão de respostas			
Porcentagem de informações ignoradas observadas, por questões de demografia e saúde selecionadas. Brasil, PNDS 1996.			
Variáveis	Grupo de referência	Porcentagem do grupo de referência com informação ignorada	Número
Data de nascimento	Nascidos nos últimos 15 anos		
Apenas o mês		2.03	15,648
Mês e ano		0.54	15,648
Idade ao morrer	Nascidos não sobreviventes nos últimos 15 anos	2.78	950
Idade/data à primeira união¹	Entrevistadas alguma vez casados	2.73	8,759
Educação dos entrevistados	Todas as entrevistadas	0.04	12,612
Tamanho das crianças ao nascer	Nascimentos nos últimos 1-35 meses	4.07	4,439
Antropometria²	Crianças vivas com idades de 1-35 meses		
Peso da criança		14.38	4,588
Altura da criança		9.52	4,588
Peso e altura		14.97	4,588
Diarreia nas últimas duas semanas	Crianças vivas com idades de 1-35 meses	11.78	4,588

¹Que omitiram ambos, idade e ano.
²Crianças não medidas.

A Tabela C.4 permite avaliar a existência de omissão de nascimentos no período referido a cinco anos precedentes à pesquisa e a transferência de nascimentos para fora deste intervalo de tempo. A presença deste fenômeno afetará o estudo relacionado à saúde, os antropométricos e outros, pois períodos quinquenais são critérios de elegibilidade. Omissão e transferência de nascimentos são indicativos de um trabalho de campo fraco, o que, conseqüentemente, afetará as análises relativas a outras características.

Tabela C.4. Nascimentos, por ano calendário desde o nascimento

Distribuição dos nascimentos por ano calendário desde o nascimento para crianças vivas, mortas e todas as crianças, segundo o nível de completitude das respostas, razão de sexo ao nascer e razão de nascimentos por ano calendário. Brasil, PNDS 1996.

Ano	Número total de nascimentos			Porcentagem com data completa ¹			Razão de sexo ²			Razão de ano calendário ³			Número de homens nascidos			Número de mulheres nascidas		
	Vivos	Mortos	Total	Vivos	Mortos	Total	Vivos	Mortos	Total	Vivos	Mortos	Total	Vivos	Mortos	Total	Vivos	Mortos	Total
96	302	12	314	99.9	100.0	99.9	75	211	77	-	-	-	130	8	138	173	4	177
95	963	30	994	99.9	96.1	99.8	101	115	102	158	112	156	486	16	502	478	14	492
94	916	42	958	99.9	100.0	99.9	110	82	109	96	110	97	481	19	500	435	23	458
93	937	46	983	99.8	99.1	99.7	109	126	109	103	120	104	489	26	514	448	20	468
92	895	34	929	99.8	100.0	99.8	110	150	111	96	72	95	470	21	491	425	14	439
91	913	50	963	99.7	89.7	99.2	98	108	98	96	79	95	452	26	478	460	24	484
90	1,002	90	1,093	97.8	82.9	96.5	107	117	108	101	157	104	519	49	568	483	41	525
89	1,056	65	1,121	98.8	86.7	98.1	96	146	98	101	96	101	518	39	557	538	26	564
88	1,076	45	1,121	98.4	90.4	98.1	113	121	114	103	60	100	573	25	598	503	20	523
87	1,023	83	1,106	98.4	78.9	96.9	99	66	96	-	-	-	510	33	543	513	50	562
92-96	4,014	164	4,178	99.8	99.0	99.8	104	119	105	-	-	-	2,055	89	2,144	1,959	75	2,033
87-91	5,070	333	5,402	98.6	84.7	97.7	103	105	103	-	-	-	2,573	171	2,744	2,497	162	2,659
82-86	4,984	397	5,381	98.1	79.8	96.7	105	131	107	-	-	-	2,556	226	2,782	2,428	171	2,599
77-81	4,358	419	4,776	97.4	78.8	95.8	102	113	103	-	-	-	2,203	222	2,425	2,155	196	2,351
< 77	4,128	612	4,740	96.6	74.5	93.7	101	153	107	-	-	-	2,081	371	2,452	2,047	241	2,288
Total	22,554	1,924	24,478	98.1	80.4	96.7	103	127	105	-	-	-	11,468	1,079	12,547	11,086	845	11,931

¹Ano e mês de nascimento declarados.

² $(Nm/Nf) * 100$, onde Nm e Nf referem-se a nascimentos homens e mulheres, respectivamente.

³ $[2Nx/(Nx-1 + Nx+1)] * 100$, onde Nx é o número de nascimentos ocorridos no ano x.

NA= Não se aplica.

Em geral, os dados da Tabela C.4 mostram a não ocorrência de omissões de importância, pois 98% dos filhos sobreviventes declarados tinham informação de ano e data de nascimento. No caso de filhos falecidos, esta proporção é pouco maior do que 80%.

Entre as crianças nascidas mais recentemente, a omissão está praticamente ausente. Quase todas as mulheres que declararam terem tido filhos nascidos vivos em 1992 ou depois responderam o ano e mês de nascimento da crianças, tanto as vivas como as falecidas. As proporções com declaração de ano e mês começam a diminuir para os nascidos antes deste ano e, mais marcadamente, para as crianças falecidas. Assim, das crianças falecidas no período 5-9 anos antes da pesquisa, 85% têm informação sobre mês e ano de nascimento. Esta proporção diminui para pouco menos de 80%, no período 10-14 anos antes da pesquisa, e continua diminuindo à medida que mais distantes ficam as datas, sem nunca apresentar, entretanto, percentuais menores que 70%.

A razão de sexos ao nascer apresenta alguma oscilações mas, no total, o valor de 105 meninos para cada 100 meninas sugere uma boa declaração. Esta razão, bastante alta no caso de crianças falecidas, é esperada, pois, particularmente ao nascer, a mortalidade é altamente diferenciada por sexo.

Com relação às crianças nascidas em 1996, mesmo consideradas as variações amostrais, a baixa razão de sexos ao nascer do total de crianças (77) e a extremamente alta razão de sexo entre crianças falecidas (211) mereceriam uma análise mais detalhada.

A Tabela C.4 mostra, também, as razões entre os nascimentos de diversos anos calendários, ferramenta que permite detectar a existência de transferências nas datas de nascimentos, principalmente entre os períodos 0-4 e 5-9 anos precedentes à pesquisa. Com exceção de 1995 - que não se deve considerar, pois as entrevistas não cobriram os doze meses do ano seguinte que foi o ano da pesquisa -

essas razões não se afastam significativamente de 100, particularmente nos anos 1992 e 1991, que seriam os anos limites dos dois períodos quinquenais mais recentes.

A seqüência destes nascimentos, no entanto, não é regular, indicando um aumento no volume dos nascimentos depois do quinto ano anterior à pesquisa. Antes de apontar para uma eventual omissão dos nascimentos no primeiro quinquênio, deve-se notar que o número anual de nascimentos se apresenta praticamente constante ao longo desse primeiro quinquênio; da mesma forma, o volume anual do segundo quinquênio (1987-91) é relativamente constante e em torno de 1.000 casos. Esse comportamento, ao mesmo tempo que indicaria uma leve transferência de datas entre o primeiro e o segundo quinquênio, estaria refletindo, também, a queda de fecundidade que o país está experimentando.

Com relação à informação de crianças falecidas, é provável que tenha havido algumas transferências, mas elas teriam se dado do ano 1991 para 1990. Se existiu a tendência a se deslocar as datas, comum em muitas populações, esta por certo ocorreu mais pelo arredondamento de datas do que de idades. Assim, teria havido uma ligeira tendência dos entrevistadores e/ou entrevistados a declarar 1990 em vez de 1989 ou 1991, o que não afetará análises de tendências que englobem o período 1988-91, isto é, entre 5 e 10 anos precedentes à pesquisa.

C.4 A declaração da idade ao morrer das crianças

Uma das maiores contribuições das pesquisas do tipo **PNDS 1996** é, sem dúvida, a informação que permite estimar diretamente a mortalidade infantil e infanto-juvenil. A experiência acumulada na coleta desse tipo de dados tem levado a desenvolver mecanismos de trabalho de campo que, atualmente, minimizam os riscos de arredondamentos de datas, particularmente em torno dos 12 meses de idade da criança, fato que dava lugar a graves subestimações de mortalidade infantil.

No projeto DHS-III, no qual se insere a **PNDS 1996**, os entrevistadores tiveram que recheçar os seguintes registros⁶:

- para cada nascimento, o ano de nascimento;
- para cada criança sobrevivente, a idade atual;
- para cada criança morta, a idade ao morrer, e,
- para cada resposta "12 meses" da idade ao morrer, a prova para determinar o exato número de meses.

Este procedimento tem aperfeiçoado, sem dúvida, a coleta de datas na grande maioria das pesquisas do projeto DHS-III. As Tabelas C.5 e C.6, com data ao morrer, em dias para o primeiro mês e em meses para os primeiros anos, para quatro períodos anteriores à pesquisa, mostram a melhora alcançada na **PNDS 1996**.

Em primeiro lugar, os casos com informação ignorada, tal como visto anteriormente, praticamente inexistem.

Em segundo lugar nota-se, coerentemente com a sabida queda da mortalidade da infância, que o número de crianças mortas em idades mais precoces passa a ter mais representatividade proporcional, à medida que os períodos considerados são mais recentes. Com efeito, para os dados correspondentes ao

⁶ DHS (1996) Accuracy of DHS-II in Demographic Data: Gains and Losses in Comparison with Earlier Surveys. *DHS Working Papers - Nº 19*

primeiro mês de vida, constata-se que, durante o período 1977-81, pouco mais de 60% das crianças, que morriam com menos de um mês, faleciam na primeira semana, intervalo ao qual corresponde a mortalidade neonatal precoce. Mais recentemente, com a queda geral da mortalidade infantil, nota-se uma maior concentração das mortes de menores de um mês durante a primeira semana de vida (80%) no período 1992-96. Semelhante tendência é observada entre os óbitos de menores de um ano. A mortalidade neonatal (óbitos menores de um mês com relação às mortes dos menores de um ano) tende a uma maior representatividade proporcional, face à queda da mortalidade infantil. Ao considerar óbitos de até dois anos de idade (Tabela C.6), nota-se que a proporção de óbitos neonatais era de 42% durante 1977-81. Para o período mais recente, isto é, 1992-96, essa proporção está próxima de 50%.

Em terceiro lugar há, praticamente, ausência de 'picos' para qualquer data ao morrer, como sugerem os gráficos C.3 e

C.4. Além disso, os gráficos permitem constatar que, à medida que se consideram dados para períodos mais recentes, as oscilações são ainda menores. Assim, com dados de idade ao morrer em dias, o costume de declarar a data da morte arredondando para o número de semanas completas (primeira ou segunda semana), presente de alguma forma no período 10-14 anos precedentes à pesquisa, desaparece ao considerar o período 0-4 anos. A data de morte em meses também não registra os esperados "picos" que costumam aparecer nas idades de 12 e 18 meses.

Tabela. C.5 Idade ao morrer declarada em dias

Distribuição das mortes declaradas como ocorridas com menos de 1 mês de idade, por idade ao morrer em dias, e porcentagem de mortes neonatais declaradas como ocorridas entre 0-6 dias de idade, para o período de cinco anos anterior à pesquisa. Brasil, PNDS, 1996.

Idade ao morrer (Em dias)	Anos anteriores à pesquisa				Total
	0-4	5-9	10-14	15-19	
< 1	26	35	41	32	135
1	22	29	25	25	100
2	3	7	12	8	30
3	5	15	10	6	36
4	8	1	6	4	20
5	1	2	2	3	8
6	1	5	2	2	10
7	2	6	9	7	25
8	1	4	5	4	14
9	0	1	1	3	4
10	2	2	3	6	12
11	0	1	1	3	5
12	1	4	4	1	10
13	0	2	1	1	4
14	0	4	1	2	8
15	4	4	9	1	18
16	1	1	2	4	8
17	2	0	0	1	4
18	0	4	3	6	13
19	0	1	0	3	4
20	0	2	3	2	6
21	0	0	0	1	1
22	0	1	3	1	4
23	0	1	1	2	4
24	0	1	0	0	1
25	0	0	0	1	1
26	3	2	1	0	6
27	0	1	0	0	1
28	1	0	0	1	2
29	1	0	0	0	1
30	0	1	0	1	3
Total 0-30 Dias	83	136	146	133	498
Porcentagem: Menos de 1 dia	29.9	24.8	27.9	23.7	26.3
Neonatal em dias ¹	76.1	67.0	67.2	59.2	66.6

¹0-6 dias/0-30 dias

Em resumo, a declaração da idade da criança ao morrer parece não apresentar viés que desvirtue análises mais aprofundadas e, naturalmente, como em toda pesquisa retrospectiva, à medida em que seja requerido menor esforço de memória do entrevistado, melhor será a qualidade do dado.

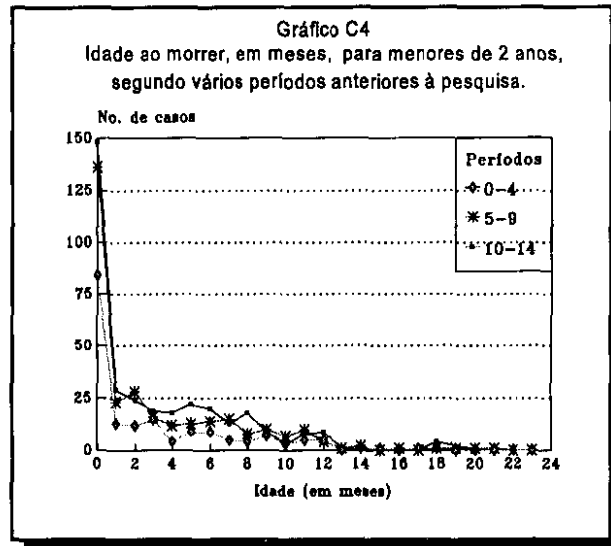
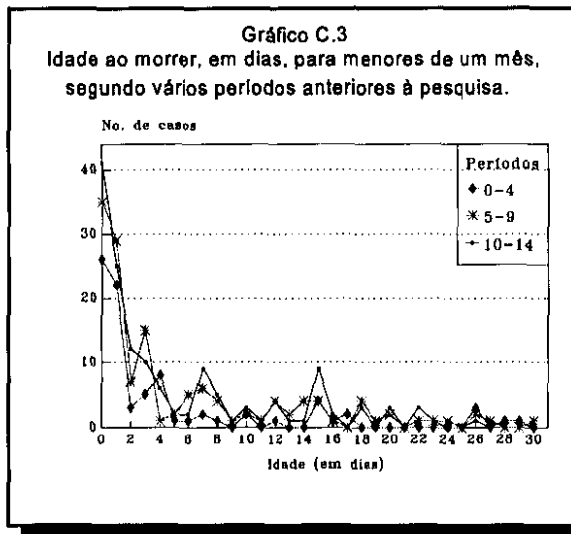
Tabela C.6 Idade ao morrer declarada em meses

Distribuição das mortes declaradas com menos de 2 anos de idade, por idade ao morrer em meses, e porcentagem de mortes de crianças declaradas como tendo ocorrido com menos de 1 mês, para o período de cinco anos anterior à pesquisa. Brasil, **PNDG, 1996**.

Idade ao morrer (Em meses)	Anos anteriores à pesquisa				Total
	0-4	5-9	10-14	15-19	
< 1 de 1 mês ¹	84	136	148	135	504
01	13	23	29	27	93
02	12	28	24	23	87
03	15	16	19	26	75
04	4	12	18	26	60
05	9	13	22	14	59
06	9	14	20	23	66
07	5	15	13	11	42
08	4	8	18	14	43
09	7	10	9	13	38
10	3	7	3	5	19
11	5	10	8	2	25
12	5	4	9	8	25
13	0	1	1	1	2
14	1	2	2	2	7
15	1	0	0	0	2
16	0	1	0	0	1
17	1	0	0	0	1
18	1	1	4	6	12
19	0	1	2	2	5
20	0	1	1	1	3
21	0	1	1	0	1
24+	0	1	1	0	2
1 ano	4	15	15	23	57
% neonatal ²	49.6	46.8	44.8	42.4	45.4
Total 0-23 meses	170	292	331	318	1,111

¹Inclui mortes ocorridas com menos de um mês declaradas em dias

²(Menos 1 mês)/(menos 1 ano).



C.5 Conclusões

O presente Anexo mostrou nesta análise preliminar que os dados coletados na **PNDS, 1996** podem ser considerados bastante confiáveis. Experiências de pesquisas similares foram aproveitadas no trabalho de campo desta pesquisa, o que resultou em grandes ganhos na qualidade da informação. Os poucos vieses detectados, como, por exemplo, uma ligeira tendência à exclusão de mulheres elegíveis, não afetarão futuros estudos.

Análises mais aprofundadas precisam ser feitas, principalmente com relação às datas, afim de confirmar a constatação de pouca transferência de eventos vitais entre os diferentes períodos de estudo a se considerar. Também mereceria atenção a compatibilização da informação por sexo dos filhos sobreviventes e falecidos das entrevistadas com a população de fato nos primeiros anos de vida, registrada nos domicílios, pois, a falta de explicação da baixa razão de sexos para esta última, afetaria, por exemplo, estudos de mortalidade infantil por sexo a partir dessa informação.

Por último, em compensação aos eventuais possíveis erros nesta variável, a declaração da idade ao morrer das crianças, dado extremamente valioso para estudos epidemiológicos e, obviamente, de mortalidade infantil e na infância, mostraram-se extremamente coerentes e com muitas menores oscilações por idade do que resultados de pesquisas de outros países envolvidos nos projetos DHS-I e DHS-II⁷.

⁷ DHS (1996) Accuracy of DHS-II in Demographic Data: Gains and Losses in Comparison with Earlier Surveys. DHS Working Papers - N° 19

